

UM GRITO DE ESPERANÇA NA ASSEMBLÉIA ECLESIAL



Comunidades em re-existência ao extrativismo

O que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos para que também vos estejais em comunhão conosco. (1 Jn, 1,3)

Aqueles de nós que viram e ouviram, e querem anunciá-lo, fazem parte de várias redes, organizações, plataformas, congregações, entidades confessionais e ecumênicas. Como tal, alguns de nós nos reconhecemos como Povo de Deus, a Igreja que em saída, em processo sinodal.

O acontecimento da Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe nos uniu em uma preocupação comum, no processo de escuta: “sentir, com as vítimas, a realidade do extrativismo”. Para isso, organizamos o encontro virtual com o mesmo título deste documento, no dia 21 de agosto deste ano. Setenta e oito pessoas participaram do evento¹ e suas participações foram sistematizadas no formato de fóruns temáticos, carregados à plataforma da Assembleia Eclesiástica.²

Aqueles de nós que compartilhamos esta preocupação têm caminhado ao lado de comunidades camponesas e de periferias urbanas empobrecidas, povos indígenas, populações ancestrais e afrodescendentes, nos diferentes territórios que constituem o nosso Continente. Neste caminhar, “os rostos em sofrimento de Cristo que nos questionam e interpelam”³ testemunham o carácter mártir de sus vidas; prestam contas das causas profundas e estruturais que geram pobreza, inequidade, injustiça; revelam a perversidade de um sistema de morte que possui como deus o dinheiro, e como sacerdotes, revelam setores poderosos de nossas sociedades e estados. Ao mesmo tempo, esses “rostos sofredores”, vítimas mártires de espoliação, opressão, repressão e morte, são os que tecem territorialidades; eles são os quem tornam possível a vida diversa; eles veneram a sacralidade da Casa Comum como sendo a Mãe que dá vida; eles praticam um sistema de organização que pode ser, de certa forma, a saída da crise planetária que estamos vivenciando como Humanidade.

O que eles denunciam: a pobreza e a opressão são causadas pelo sistema hegemônico

É inegável que o sistema capitalista, colonial e patriarcal, desenvolvido a partir da chamada “descoberta da América”, constitui a causa estrutural da injustiça instalada a nível global. Já em Puebla se reconhecia a geração de perversas “brechas” entre “ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres”⁴. Inúmeros textos do magistério da Igreja - baseados em dados da realidade - apontam para esta verdade irrefutável. E o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, exorta-nos: “temos que dizer 'não a uma economia de exclusão e desigualdade'. Essa economia mata.” (N° 53)

¹ Participantes procedentes da Guatemala, Honduras, Panamá, Chile, Argentina, Equador, México, Peru e Brasil.

² Foram também sistematizadas as contribuições registradas ao longo do evento “Vozes em defesa da Casa Comum na Colômbia”, realizado no dia 13 de agosto 2021, organizado pelo Nó Colômbia da Rede Igrejas e Mineração, onde participaram 61 personas.

³ DP 31-39

⁴ DP 30

As vítimas carregam os estigmas - em seus corpos e em seus espíritos - desse sistema escravista: pelo sangue e pelo fogo doem as feridas causadas pelas múltiplas opressões de desapropriação, submissão e inferioridade sexual e racial. Eles reconhecem a continuidade histórica de um colonialismo imperial que assumiu várias formas e estratégias ao longo de mais de cinco séculos de exploração de povos e territórios. De uma visão de mundo biocêntrica, eles desmascaram os discursos e práticas falaciosas das últimas décadas de neoliberalismo:



Esse modelo extrativista é a continuidade dessa política de morte que começou com a colonização e agora continuam a nos expropriar. É a continuidade do racismo e do classismo que enriquece uns poucos em face à destruição da maioria. O extrativismo aprofunda a crise planetária global em nossos países, e quem vive as consequências são aqueles que historicamente vivenciaram opressões, exclusões e violências estruturais.

Eles nos quebram por dentro, quebram o tecido social, confrontam comunidades e famílias, ferem relacionamentos e ferem profundamente a dinâmica da comunidade. Com a bandeira do progresso entram em nossos territórios oferecendo mentiras, falando de um desenvolvimento que nunca vem e que só enriquece o capital, e nos submetem e danificam nossos corpos e nossos territórios. Com a bandeira do progresso, eles minaram nossos desejos, nosso projeto de presente e futuro e nossa dignidade.

"As veias abertas da América Latina"⁵ ou a "Desigualdade Planetária" apontada pelo Papa Francisco⁶

O extrativismo não só devasta e aniquila corpos e territórios – os “corpos-territórios” segundo a cosmovisão ancestral. Também mina e degrada os edifícios institucionais da modernidade: o Estado, os tribunais que administram o direito, os parlamentos legislativos, e as várias administrações ministeriais do poder executivo em todos os níveis de governo, nascidos já sob a égide e lógica colonial, respondem quase inteiramente ao império da capital transnacional.

Em decorrência disso, as primitivas minas e plantações - que eram as indústrias escravistas de populações indígenas e negras - hoje modernizadas com tecnologia de última geração, espalham-se pelo continente como verdadeiros enclaves de propriedade absoluta de empresas transnacionais. Elas são as donas que decidem a vida ou a morte. E não há declaração de direitos, nem princípios constitucionais, nem convenções internacionais para deter a repressão contra aqueles que rejeitam a “bandeira do progresso”.

Dói-nos que o extrativismo mineiro e outros megaprojetos sejam considerados de interesse nacional, ignorando, tornando invisível e relegando nossos pedidos, nossa luta e nossos direitos.

Não só temos que lutar contra os megaprojetos e seus gravíssimos impactos, mas também temos que enfrentar todo um sistema de estado em nossos países, que, em vez de nos proteger, nos viola.

⁵ Título do livro de pesquisa escrito por Eduardo Galeano –escritor uruguaio- em 1971

⁶ Aludimos especificamente ao item V do Capítulo 1º de Laudato Si’, números 48 ao 52.

Eles nos perseguem e nos intimidam, nos intimidam e nos criminalizam, para que paremos nossa luta. Conciliados com as estruturas de estados que deveriam garantir nossos direitos. Não podemos ter acesso à justiça, porque não podemos pagar por ela.

As instituições não funcionam, não servem para os pobres, não servem para aqueles de nós que não podemos ter esse acesso à justiça

Onde o capital impera: semeia o extrativismo e colhe lucros manchados de sangue inocente

As Comunidades afetadas pelo extrativismo na América Latina – Território de Abya Yala – revelam a face mais cruel e degradante de um sistema hegemônico que mostra sua inviabilidade e sua falácia tecnocrática de 'sustentabilidade'.

Junto com elas, nós que nos pronunciamos neste documento, procuramos acompanhar e comungar com nossas irmãs e irmãos que constituem a Assembleia Eclesiástica da América Latina e do Caribe, no desafio transcendental de discernir o 'maligno', o 'satânico' mascarado de um discurso prometendo bonança e progresso necessário.



Referimo-nos à publicidade pró-extrativista de governos e empresas. Ela satura os espaços semióticos de nossas cidades e povoados, de locais urbanos e rurais. Ali, no 'interior profundo' das nossas latitudes, nos extremos das periferias de existência, onde comunidades tecem suas vidas sem acesso a direitos básicos reconhecidos mundialmente como "humanos", desembarcam empresas com suas maquinarias de persuasiva conquista. Dispondo de todos os meios que há, agitam a "bandeira do progresso" e empoleiram-se em todas as obras públicas em curso, desde escolas a templos, passando por hortas comunitárias, hospitais e estradas: aí deixam a marca que os identifica como "empresas com responsabilidade social."

Enquanto isso, nas cidades – os reversos do meio rural – a propaganda visa avaliar o desembarque transnacional como sendo "investimentos diretos estrangeiros" que proporcionarão as divisas necessárias para a tão esperada implantação do primeiro mundo. Ao mesmo tempo, espalha todo tipo de insultos às comunidades e organizações que defendem seus territórios: são aquelas que se 'opõem ao progresso', ou 'terroristas', bem como ignorantes e insignificantes, ou 'inexistentes', quando eles adjetivam 'inóspitas' as 'zonas de sacrifício' que fazem parte dos enclaves extrativistas.

Em ambas as lógicas discursivas, tanto nas cidades quanto nas comunidades camponesas, o consumo torna-se o senso comum que afirma o correto curso do caminho para o progresso. A vertigem do progresso gera confusão e perplexidade, perfurando a sensibilidade coletiva e provocando o clamor que vale a pena repetir: *Eles nos rompem por dentro, rompem o tecido social, confrontam comunidades, famílias, ferem relações e ferem profundamente a dinâmica comunitária.*

À luz da Fé em Jesus de Nazaré, sustentamos que a pandemia de Covid expôs as injustiças estruturais causadas por este sistema de morte. Tanto na alta mortalidade que ocorreu entre essas populações empobrecidas em nossas periferias e na notável falta de acesso às vacinas, como na própria etiologia da doença, efetivamente originada na predação extrativista que extermina os habitats naturais de tantas espécies, mudando e mutando incontrolavelmente de todos os tipos de vírus e microrganismos letais para a humanidade.

À luz da Fé que nos anima e à luz de relatórios científicos⁷ incontestáveis, concluímos a insustentabilidade desse sistema que mantém, com doença e morte, a obscenidade suicida da acumulação capitalista, colonial e patriarcal. Junto com São Romero da América, junto com nossas irmãs e irmãos da Fé e diante do extrativismo, nos pronunciamos:

"Eu lhes suplico, lhes imploro, lhes ordeno em nome de Deus: pare com a repressão!" Porque:

A morte de tantos seres humanos e também de nossa Mãe Natureza nos dói. Do jeito que se mata a vida do ser humano, das plantas, dos rios; isso dói tanto. Os projetos de mineração nos privaram de nossas terras, de nossas colinas e montanhas, de nossos rios.

O extrativismo alimenta o conflito armado na Colômbia e, noutros países da região, exacerba-se a violência, a corrupção e a imigração forçada.

E, ainda assim, este é um grito de esperança

No cenário difuso e complexo, de horror e martírio, em que se configura a realidade de vida dos povos, reconhecemos a inefável Presença do Espírito de Deus enraizada na visão e no sentimento, na ação e nas práticas de defesa da vida que O Povo realiza, "esperando, contra toda esperança."



Contemplando esta Sagrada Presença, com estremecimento e alegria pascal, proclamamos: "Nós te bendizemos, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste aos sábios e inteligentes os mistérios do Reino e os revelaste aos mais pequenos. Sim, Pai, esse tem sido seu beneplácito." ⁸

Confessamos que esta Presença é o que sustenta a luta de nossos povos. É a Força, a Força da Fé, que permite às vítimas reter a vida com disponibilidade incondicional para o martírio. Ela nutre a espiritualidade de quem se sente, como Yolanda Flores, do

Peru, ou como Berta Cáceres – que, de Honduras – adquiriu a cidadania latino-americana:

O rio, o lago, são seres com os quais convivemos, são habitados por espíritos que nos curam e protegem. Nele vive a vida que está se sufocando por tanta exploração e abuso.

Vamos acordar, vamos acordar, humanidade! Não há tempo! Nossas consciências serão abaladas pelo fato de estarmos apenas contemplando a autodestruição baseada na predação capitalista, racista e patriarcal.

Nos tempos cruciais que temos que viver, quando o Antropoceno - ou melhor, o Capitaloceno – veio para ficar – nos incita a tomar uma decisão corajosa e profética. Nós que acompanhamos esta diversidade de manifestações – verdadeiras epifanias – do que é Divino, damos graças pelo mistério insondável da Encarnação e pelo mistério da Ressurreição.

Graças a estes Mistérios, reconhecemos a Igreja = Comunidade de Jesus que caminha na base: uma quantidade inumerável de leigos e consagrados, da nossa confissão católica e de igrejas irmãs, nos

⁸ Adopção e adaptação de Lc. 10, 21.

mais diversos ministérios, semeando o Evangelho, promovendo a Vida na Abundância, renascendo para a dor, reconhecendo nossas próprias “sombras”⁹ do passado e do presente.

Aliás, dessas sombras ressoam em nossas consciências as palavras de Francia Márquez, uma afrodescendente colombiana, que nos disse: *Meu povo foi trazido em condição de escravidão para trabalhar a mineração promovida pela colonização e extrativismo, e deve ser dito, a igreja fazia parte dessa política de morte que nos prejudicou. É por isso que celebro com alegria que a igreja agora tenha a tarefa de cuidar da casa grande. Isso para nós é um ato de reparação histórica, diante de atos de violência estrutural e sistemática.*

Com Maribel Montalvo, do México, assumimos o compromisso de *continuar trabalhando para a descolonização com comunidades indígenas, camponesas e afro que compartilham sua visão de mundo; visão de mundo enraizada no sentimento de relações íntimas entre os seres humanos com a Mãe Terra, onde outros seres vivos são pessoas, e não objetos. Para reverter dentro de nossas Igrejas uma colonização que não foi terminada, mas continua de forma camuflada, presente em muitos aspectos.*

Com as CEBs da diocese de Catamarca, Argentina, rezamos para que a Assembleia Eclesiástica nos ajude a ser a Igreja que queremos: *Que lave seus pecados de colonialismo e patriarcado, que reconheça e corrija os desvios da Palavra de Deus em que caiu ao longo da história em nosso continente. Que se converta. Faça-se sinodal. Que se deixe impregnar pelo Evangelho de Jesus. Que se manifeste como sensível ao clamor da Mãe Terra e dos povos oprimidos. Que seja profética e samaritana. Mais misericordiosa do que cumpridora das leis. Seja coerente: que viva os princípios expressos nos documentos que escreve. Que depende mais da Providência do que das finanças. Que renuncie à soberbia dos cargos clericais e das pompas rituais. Que ele se torne pobre e ao serviço das comunidades empobrecidas”.*

Com Bruna Monalisa, sobrevivente do crime de Brumadinho, Minas Gerais, Brasil, expressamos:

Eu era mãe, e quando veio a lama, meu filho que estava aqui segurando minha mão, de apenas 4 anos, foi enterrado.

Nós mulheres clamamos por justiça, nunca esqueceremos: a mineração mata. Seguindo o exemplo de Maria, a mulher é símbolo de cuidado, sabedoria e coragem, diante de tudo que observamos, vivemos e sonhamos, o protagonismo feminino predomina.

Nosso grito é pela Mãe Terra, que a realidade dos crimes ambientais e homicídios coletivos nos lembra o Evangelho segundo São Mateus no capítulo 1, versículo 18: - Ouviste um grito, grito e grande lamento deixado por aqueles que choram seus filhos e ele não quer ser consolado porque eles não existem mais.

Esta é a nossa opção e o nosso compromisso. Com os empobrecidos e empobrecidos do Continente que sofrem e sonham, saudamos com amor, fraternidade e sororidade a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe.

Novembro de 2021, Ano do Senhor.

⁹ Aludimos às sombras da evangelização analisadas por Puebla: (DP 6 y 10)